

7. Cultura Popular/Tradicional e Periférica

Cultura Oral em “Caminho dos Morros” de Cora Coralina

Caio J. F. Gaspar ¹

1. INTRODUÇÃO

Cora Coralina, uma renomada poetisa brasileira, nascida em 20 de agosto de 1889, na cidade de Goiás, publicou seu primeiro livro, "Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais", aos 76 anos, em 1965. Seu trabalho é marcado por um entrelaçamento poético entre o pessoal e o coletivo, da paisagem e memória de uma Goiás que encara as consequências de uma colonização exploratória de mineração. Tendo assim grande valor e ligação com a história do estado, no qual a ocupação europeia teve início com a exploração do ouro na região, atraindo bandeirantes e exploradores no século XVIII.

A intensa exploração deixou um legado ambiental, social e cultural que constrói a paisagem, a memória e a identidade de um povo vulnerabilizado pela operação de uma lógica dominante institucionalizada. Muito comum em regiões que foram pólos de mineração são as lendas e contos sobre ouro escondido ou riquezas encantadas, narrativas de natureza oral que não só conservam a memória histórica sob a visão de uma população oprimida, mas também transmitem valores e costumes formadores de uma identidade cultural, e se contrapõem a uma construção história “oficializada”. Pois, assim como Havelock atesta em “Prefácio a Platão”, 1996, no qual analisa, na Grécia Antiga, a passagem da tradição oral para a tradição escrita, ainda assim há a persistência de um modo de pensar, portanto, de comunicar e ensinar, que se utiliza de recursos da poiesis para conservar-se culturalmente como formadora dos valores sociais e identidade de um povo:

Uma vez admitido que a situação oral persistira durante o século V, deparamo-nos com a conclusão de que também persistiria (...) um estado mental oral; por assim dizer, um modo de consciência e, como veremos,

¹ título acadêmico, vínculo institucional (cargo/ função) e e-mail.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

um vocabulário e uma sintaxe que não eram os de uma cultura literária livresca. (...) compreende-se que aquele estado mental seja ainda para Platão o principal inimigo. (HAVELOCK, 1996, p. 58)

O que é chamado aqui de “inimigo de Platão” é justamente a permanência de uma linguagem e concepção filosófica que se contrapõe ao monopólio da racionalidade como criadora e transmissora de conhecimento, ao monopólio de “uma linguagem abstrata da ciência descritiva que substituísse uma linguagem concreta da memória oral.” (HAVELOCK, 1996, p. 251)

É a partir dessa concepção de Havelock, e das considerações de Paul Zumthor em “A letra e voz”, 1993, sobre a presença da voz e da cultura oralizada nas manifestações poéticas mesmo subsequentes ao monopólio da cultura escrita, que lançaremos olhos sobre o poema “Caminho dos Morros”, de Cora Coralina, buscando ir além de sua representação e veiculação quinográfica, a fim de atestar um valor de memória histórica e cultural no que compreende possibilitar um encontro com uma tradição oral que permeia e presentifica a formação identitária de grupos da população goiana. Pautando-se também na natureza performática do texto poético visto que “A mente não tem inicialmente recursos propriamente quirográficos. Rabiscam-se em uma superfície palavras que se imagina dizer em voz alta em uma situação oral imaginável.” (ONG, 1998, p. 36). Dessa forma possibilitando-nos, através da poesia de Cora, auscultar a presença de costumes, crenças, valores sociais, manifestações culturais ligadas à tradição oral oriundas da resistência do saber de um povo vulnerado.

2. DESENVOLVIMENTO

O poema "Caminho dos Morros" de Cora Coralina, presente em sua obra “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais”, publicado pela primeira vez em 1965, apresenta-se como uma janela metonímica para as paisagens, memórias e tradições da região de Goiás. Neste poema, Coralina tece uma narrativa que transcende as fronteiras da memória pessoal, acessando a memória e imaginário coletivos, conduzindo-nos por caminhos poéticos que revelam não apenas a topografia física dos morros, mas também as camadas mais profundas da história,

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

cultura e experiências humanas entrelaçadas nesse cenário. A poetisa goiana explora os aspectos sociais culturais e emocionais, oferecendo uma imersão profunda na complexidade da vida e identidade local. Nos possibilitando escutar a voz de tradições orais, lendas e nuances que compõem a cultura de Goiás, e assim nos permitindo a experiência aqui proposta.

Logo no início do poema Cora apresenta-nos uma constatação:

“O morro do Zé Mole
tem um veeiro
escondido.
Tem um filão
encantado.” (CORALINA, 2012, p. 81)

Os termos “veeiro” e “filão” já pressupõem uma formação linguística advinda de culturas as quais foram formadas em regiões de exploração, e o fato de estar escondido e ser encantado já nos infere uma atmosfera ligada às lendas sobre riquezas secretas. A poeta, em seguida, atesta essa afirmação a partir do seguinte argumento:

“Toda gente sabe disso,
Não é lenda, nem invenção.
É um grosso veeiro,
legítimo, natural,
perdido numa gruna,
afundado numa solapa
que só Pretovelho sabia.” (CORALINA, 2012, p. 81)

O atestado de veracidade da afirmação é o conhecimento popular da história, e apesar de nos expor que “Não é lenda, nem invenção”, é justamente esse verso que nos introduz a aspectos da crença sincretista do interior goiano e suas narrativas orais, bem como a presença do personagem Pretovelho, figura religiosa de matriz africana que se apresenta sob o arquétipo de idosos negros que viveram nas senzalas e contam histórias sobre o tempo de cativo, representam portanto, proteção e a memória dos tempos de escravidão.

A partir dessa introdução, Coralina se põe a narrar, utilizando-se de recursos pertencentes à natureza da oralidade como ritmo e rimas, a lenda do filão encantado escondido no Morro do Zé Mole, presentificando narrativas orais ligadas aos cenários de mineração, e portando se pondo a nos recontar por meio de um

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades,
Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

eco, uma narrativa recontada e recriada oralmente ao longo do tempo, e por isso, à análise do poema vale-nos o que considera Zumthor (1993) acerca da performance contida nos textos poéticos:

” Para ouvir a voz que pronunciou nossos textos, basta que nos situemos no lugar em que seu eco possa talvez ainda vibrar: captar uma performance, no instante e na perspectiva em que ela importa, mais como ação do que pelo que ela possibilita comunicar. (...) expressão e fala juntas, no bojo de uma situação transitória e única.” (ZUMTHOR, 1993, p. 219)

Seguindo o poema descreve-se a prática de Pretovelho para retirar o ouro, e temos em seguida a presença da voz do personagem:

“O velho não contava onde estava
aquele grosso filão.
Só dizia, se queria, quando instado: ‘Deus dá
para o tamanho da precisão’.” (CORALINA, 2012, p. 81)

A voz de uma figura como a de Pretovelho no poema, é imbuída, pela cultura e tradição popular, de sabedoria e respeito, e portanto, ao afirmar que Deus dá somente para o tamanho da precisão, é utilizada para transmitir valores sociais e ambientais que se contrapõem a avareza e exploração presentes na prática de mineração, o filão encantado é somente para ser suficiente a precisão do personagem. Isso nos remete às considerações de Havelock sobre a função educacional da poesia na Grécia Antiga, as quais eram utilizadas, em favor de seus recursos orais/musicais que facilitam a memorização, para transmitir valores, costumes e conhecimentos ligados a vida daquela época, função que podemos notar na narrativa poetizada por Cora.

Outra passagem que nos vale destacar ocorre na repetição dos versos:

“Gente piedosa, gente inzoneira.
Gente ardilosa da cidade tomou conta do Negrovelho.”
(CORALINA, 2012, p. 82)

e

“Gente piedosa.
Gente astuciosa.
E ardilosa,
da cidade,
o puseram

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

numa rede
com muito jeito e cuidado.” (CORALINA, 2012, p. 83)

que narram ações dos cidadãos da cidade que estavam de olho no ouro de Pretovelho, após o personagem ficar doente, se repetem, e da segunda vez em ritmo mais cadenciado e cauteloso, quase que como um refrão, para salientar o conselho de que nem toda boa ação está revestida de boa intenção. O destino daqueles que cuidaram de Pretovelho somente por interesse em seu ouro é o mesmo daqueles movidos por avareza nas lendas populares do ouro, nada encontram:

“Pararam.
Abriram a rede.
Perguntaram pelo rumo.
Pretovelho abriu a boca...
Sororoca.
Revirava olhos pra cima.
Repuxava uma carranca...
Sororoca.
Acabava de morrer.” (CORALINA, 2012, p. 84)

Dessa forma, a narrativa recriada e recontada no poema de Cora Coralina, faz-se como transmissora de valores socioculturais ligadas ao contexto a que se refere, a uma Goiás esgotada pelas práticas exploratórias em seu solo e a mercantilização de seus recursos, não à toa as denominações geográficas presentes no poema: “Morro do Zé Mole”; “Chupa-osso”. Os últimos versos do poema: “E o ouro do Zé Mole lá está / pra quem quiser procurar” (CORALINA, 2012, p.84) são também essenciais na medida em que a poeta demonstra ter consciência de ter transpassado um discurso que é criado e recriado repetidas vezes através de sua performatividade em meio a prática social e cultural em que participa como formadora, e assim não o encerra, mas deixa-o suscetível a “quem quiser procurar”.

3. CONCLUSÃO

Portanto, a partir da análise, e indo-se além da dimensão quirográfica do poema de “Caminho dos Morros”, de Cora Coralina, e concebendo-o a partir das noções de oralidade e cultura oral de Zumthor e Havelock como um texto que preserva uma

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades,
Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

memória cultural identitária de um povo, podemos indicar a importância da obra da poeta goiana na medida em que nos possibilita a recriação de uma narrativa de tradição oral, e dessa forma perpetua uma visão de mundo particular aos indivíduos que partilham de semelhanças em sua formação cultural, pois como discorre Pelen, em texto sobre a memória da literatura oral e a noção de etnotexto, uma das importantes contribuições da literatura e cultura oral é a de dar acesso

“às representações que uma comunidade tem de si mesma e de suas relações com o mundo, pois ela constitui um dos principais locais de memorização dessa comunidade, de sua legitimação...” (PELEN, 2001, p. 71)

O que Platão propunha ao expulsar a poesia da República era estabelecer o pensamento racional baseado no estado mental e filosófico da escrita como a nova forma de se pensar e se fazer naquele contexto, porém, ao olharmos para o aqui e agora, em que a escrita foi institucionalizada e atua como ferramenta segregatória, e o monopólio da racionalidade foi fundamentado nos preceitos cientificistas do positivismo em serviço da perpetuação de uma lógica de produção exploratória, acredito que vale-nos um retorno a textos como o de Cora Coralina, que nos permitem escutar os ecos da cultura e poesia oral formadora e identitária de um povo, que foi e é, muitas vezes calado pelas entrelinhas da “história escrita”.

REFERÊNCIAS

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2012.

HAVELOCK, Eric. **Prefácio a Platão**. Trad. Enid Abreu Dobránsky. Ed. Papirus, 1996.

ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Campinas: Papirus, 1998.

PELEN, Jean Noël et al. **Memória da literatura oral a dinâmica discursiva da literatura oral: reflexões sobre a noção de etnotexto**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 22, 2001.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.